

A HISTÓRIA DA LÍNGUA ESCRITA: A ORTOGRAFIA E A INVENÇÃO DOS DIACRÍTICOS

José Pereira da Silva (UERJ)

pereira@filologia.org.br

Naturalmente, nenhuma língua nasce com a forma escrita, que não é uma escolha natural, mas consequência de uma visão de mundo progressista daqueles que não se satisfazem com a comunicação face a face.

As línguas românicas, que escolheram a grafia com caracteres representativos de sons ou fonemas, adotaram tais símbolos a partir do alfabeto do latim, língua escrita de prestígio que a antecedeu historicamente.

Como alguns fonemas desenvolvidos no português não tinham correspondentes no latim, usou-se, por exemplo, a letra "h" acrescida às letras "c", "l" e "n" para indicar a palatalização.

Com o surgimento das vogais nasais (que não existiam em latim), começou-se a usar das letras "m" e "n" como diacríticos de nasalização, algumas vezes substituídos pelo til (~).

A letra "c" representava o fonema /k/, mas passou a assumir o fonema /s/ antes de /e/ ou /i/, sendo que, algumas vezes, representa este fonema /s/ mesmo antes de outras vogais. Nestas situações, por serem excepcionais, criou-se também um diacrítico para marcá-la.

Como a sílaba mais forte do português pode estar em três posições diferentes, tornou-se necessário marcá-las com diacríticos, quando não ocupasse a posição natural: a penúltima (terminada em a, as, e, es, o, os, em, ens ou am) ou a última, quando terminada diferentemente.

Na formação de palavras compostas, ou na separação de partes de uma palavra no final de uma linha, muitas vezes se torna difícil distinguir se se trata de uma palavra composta ou de uma locução. Por isto, criou-se outro diacrítico específico para ligar esses elementos das palavras compostas.

Esses e outros diacríticos foram criados para complementar a insuficiência das letras para indicarem a pronúncia das palavras, apesar de sempre haver alguma variedade nessa unidade.